

## CAPÍTULO 1

*Enjaulado.* As pernas da mesa serviam-lhe de grades. Balançava, protegendo-se com os braços à volta da cabeça. Para trás e para diante, para trás e para diante. Uma auxiliar tentava levá-lo a sair de debaixo da mesa, mas sem êxito. O rapaz balançava-se, para trás e para diante, para trás e para diante.

Eu observava através do espelho unidireccional. — Quanto anos é que ele tem? — perguntei à mulher à minha direita.

— Quinze.

Já não era um menino. Debrucei-me para o vidro para o ver melhor. — Há quanto tempo é que ele cá está?

— Há quatro anos.

— Sem nunca falar?

— Sem nunca falar — respondeu. Olhou para mim à luz mortiça da sala do nosso lado do vidro. — Sem nunca ter emitido qualquer som.

Continuei a observar durante mais algum tempo. Então, peguei na minha pasta de materiais e entrei na sala do outro lado do vidro. A auxiliar recuou e retirou-se, de boa vontade, logo que entrei. Eu conseguia ouvir o clique da porta no corredor exterior e sabia que ela fora colocar-se atrás do espelho para me observar. Só o rapaz enjaulado e eu ficámos na sala.

Cautelosamente, pousei a minha pasta de materiais. Aguardei um momento para ver se ele reagiria à presença de uma pessoa desconhecida na sala, mas nada aconteceu. Por isso, aproximei-me mais. Sentei-me no chão à distância de um braço do sítio onde ele se barricara, por debaixo da mesa. Continuava a balançar-se, pernas e braços enrolados à volta do tronco. Não fazia a menor ideia da estatura dele.

— Kevin?

Nenhuma resposta.

Olhei à volta, sem saber o que fazer. Tinha perfeita consciência de que havia gente atrás do espelho. Conversavam, as suas vozes indestrinçáveis, um simples murmúrio ondulante, como o som do vento nos cata-ventos, numa tarde de Verão. Mas eu conhecia bem o significado daquele som.

O rapaz não aparentava ter quinze anos. Mesmo enrolado como se fosse uma bola, que não me permitia vê-lo bem, não me parecia ter essa idade. Nove, talvez. Ou onze. Nunca perto dos dezasseis.

Voltei à carga. — Kevin, chamo-me Torey. Lembras-te de Miss Wendolowski ter dito que viria alguém trabalhar contigo? Sou eu. Sou a Torey e trabalho com pessoas que têm dificuldade em falar.

Continuou a balançar-se. Não me dispensou a mínima atenção. Estávamos mergulhados num silêncio pesado, perturbador, quebrado pelo som do balançar rítmico do corpo dele quando batia no linóleo.

Comecei a falar com ele, mantendo a voz baixa e reconfortante, como se falasse com um cachorrinho assustado. Disse-lhe por que tinha vindo e o que faria em relação a ele, falei-lhe de outras crianças com quem tinha trabalhado e dos bons resultados obtidos. Falei-lhe de mim. O importante era o tom de voz, não aquilo que eu dizia.

Nenhuma resposta, só aquele balançar.

Os minutos passaram. Começava a ficar sem palavras. O monólogo era difícil de manter, não tanto por causa do rapaz mas pela presença dos fantasmas que observavam por detrás do espelho. Era fácil sentir-me estúpida a falar sozinha, sabendo que uma dúzia de pessoas me escutava atrás do espelho. Finalmente, abri a pasta dos materiais e tirei um livro, a edição de bolso de um romance de aventuras sobre um adolescente e a sua namorada. Anunciei ao rapaz que ia ler, até que nos sentíssemos um pouco mais à vontade um com o outro.

— Capítulo Um. A Longa Estrada.

Li.

E continuei a ler.

O ponteiro deslocava-se sobre o mostrador do relógio. Uma vez por outra ouvia-se o som abafado de uma porta que se abria e fechava para lá daquela pequena sala. As pessoas iam saindo, uma a uma. O que ali se estava a passar não merecia o desperdício de uma tarde. Nem eu era uma leitora extraordinária. A história não era cativante e o rapaz apenas balançava.

Continuei a ler e a contar as vezes que a porta se abria e fechava. Quantas pessoas teriam estado do outro lado do espelho? Não sabia o número exacto. Seis? Ou seriam sete? E quantas teriam já saído? Cinco?

Continuei a ler.

Clique, clique. Mais um que saiu.

Clique, clique. Eram sete.

Proseguí a leitura. A minha voz tornou-se o único som audível na sala. Tirei os olhos do livro. O rapaz deixara de balançar. Sorria. Não era parvo nenhum. Também estivera a contar.

Apontou para mim, um ligeiro movimento por entre as pernas da mesa e das cadeiras.

— O quê? — indaguei por não perceber o que ele estava a tentar transmitir-me.

Apontou de novo, desta vez mais demoradamente. Não se tratara, porém, de um simples aceno. Era mais uma frase, quase um parágrafo de gestos.

Eu continuava a não perceber. Desloquei uma cadeira para o ver melhor, mas tive de lhe pedir que repetisse.

Havia qualquer coisa que ele queria que eu soubesse. Na sua premência, os movimentos circulares e serpenteantes tornavam-se poéticos. Um bailado de mãos. Mas não notei quaisquer sinais de uma linguagem compreensível, não era um alfabeto de sinais, uma linguagem de mudos. Eu não compreendia o que quer que fosse.

De debaixo da mesa veio um suspiro profundo. Sorri para mim. Depois, pacientemente, voltou a repetir os gestos, desta vez mais devagar, com mais ênfase, como alguém que estivesse a falar com uma criança um tanto estúpida. Mostrou-se frustrado ao perceber que não conseguira fazer-se entender.

Acabou por desistir. Ficámos sentados em silêncio, a observar-nos mutuamente. Eu ainda tinha o livro na mão e, desesperada, querendo preencher o tempo, perguntei-lhe se queria que eu lesse mais um pouco. O rapaz acenou afirmativamente.

Recostei-me contra a parede. — «Capítulo Cinco. A Saída da Caverna.»

O rapaz afastou um pouco a outra cadeira da mesa e estendeu a mão para tocar no tecido das minhas calças. Ergui os olhos para ele.

Tinha a boca aberta, com uma mão a puxar o maxilar inferior para baixo. Apontou para a garganta. A seguir, descorçoado, abanou a cabeça.